

A EXPERIÊNCIA DA REGÊNCIA NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA: A REALIDADE EM UNIDADE EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE NAZARÉ DA MATA – PE

Jéssica Emanuely Ramos da Silva¹

Jéssica Rosete Ferreira²

Luciana Rachel Coutinho Parente³

RESUMO

Este relato propõe como objetivo expor as experiências dos residentes do Programa da Residência Pedagógica – PRP, do curso de Geografia, da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, realizado em uma unidade educacional, na cidade de Nazaré da Mata – PE. Programa esse com foco no campo da formação profissional, onde a construção do conhecimento se dá e se desenvolve na interação social e na prática educativa. Pretende-se, além do conhecimento da estrutura física escolar, relatar os procedimentos metodológicos utilizados na experiência da regência, os assuntos abordados em sala de aula e os meios que foram utilizados para a facilitação da aprendizagem, além de trazer as contribuições do programa para o ensino da Geografia.

Palavras-chave: Programa de Residência Pedagógica, Escola, Ensino de Geografia

INTRODUÇÃO

A prática de ensino envolve muitos fatores e para compreender o professor precisa de uma formação inicial sólida e ampla e uma eficaz formação continuada. Os estágios curriculares muitas vezes configuram-se como experiências desafiadoras para os estudantes, quando estes se deparam com os problemas da profissão. Dessa forma, os docentes precisam conhecer bem sua área de atuação, sendo o Programa da Residência Pedagógica uma possibilidade de fazer uma junção entre teoria e prática, pois, sabemos que o aprendizado é muito mais eficiente quando é obtido através da experiência; já que na prática o conhecimento é assimilado com muito mais eficácia.

O Programa de Residência Pedagógica – PRP, vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), propõe que os residentes realizem um processo de imersão na escola durante um determinado período de tempo, realizando algumas atividades, como acompanhamento do dia a dia da escola e do trabalho do professor

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte / jessica-emanuely@hotmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte / jessicarosete48@gmail.com

³ Professora Dr^a do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte / luciana.coutinho@upe.br

na instituição de ensino, vivenciando assim a realidade escolar. Durante esse período, além de colaborar com o professor em sala de aula dentro de suas possibilidades de aprendiz, o estudante também o acompanha em diferentes atividades escolares, tais como reuniões de planejamento, reuniões de pais, avaliações de alunos, conselhos de classe, entre outros. Sendo assim, o programa não se limita somente ao que ocorre em sala de aula, mas busca constituir uma interação entre a universidade e a escola.

A diferença central encontra-se na finalidade: a RP é parte da formação inicial, é essencialmente uma aprendizagem situada que acompanha a graduação e ganha sentido de especialização profissional. A proximidade está na imersão do estudante, no processo de contato sistemático e temporário com práticas profissionais reais – no caso, com professores e gestores educacionais (formadores) que atuam nos contextos das escolas públicas. (UNIFESP, 2006, p.48)

A residência pedagógica apresenta algumas particularidades, as quais lhe proporcionam um caráter diferenciado. Além de possuir uma carga horária ampliada para a realização das práticas nas instituições de ensino, os discentes antes de ir para a prática nas escolas participam de reuniões na universidade para debates de textos que reforçam a ideia da importância da dimensão coletiva no processo de formação.

Para as reuniões uma série de temas, experiências, percepções e dúvidas a respeito das práticas que serão vivenciadas nas escolas, o que poderá ser compartilhado pelo grupo no momento da supervisão do docente orientador. Outro elemento relevante que potencializa uma aprendizagem sobre a docência é a experiência de regência definido de forma colaborativa entre o residente, o professor preceptor (escola) e o docente orientador (Universidade).

Dessa forma, o Programa de Residência Pedagógica, ao ter por objetivo superar a tradicional distância entre a teoria e a prática na formação dos estudantes, prevê uma ação compartilhada de formação entre a Universidade, os estudantes em formação e as escolas públicas, contribuindo para que os discentes em licenciatura além de adquirir novas experiências, possam levar projetos e metodologias diferenciadas de acordo com as necessidades escolar para que possa contribuir para uma melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo em que os estudantes são acompanhados por docentes orientadores na Universidade, os professores preceptores das escolas públicas têm a possibilidade de participar de todo o processo do programa.

O presente relato visa trazer a experiência da regência nas turmas de 6º e 9º ano na escola em questão, onde o trabalho se divide em algumas partes, onde, de início será feita uma abordagem sobre o ambiente escolar e sua estrutura, apontando o histórico de formação da

unidade. Em sequência será abordado os encaminhamentos didáticos-metodológicos utilizados nas turmas, e por fim, o relato da regência, apontando os assuntos abordados em sala de aula e as estratégias utilizadas para a facilitação da aprendizagem dos respectivos alunos.

METODOLOGIA

Este relato atribui-se aos encaminhamentos didático-metodológico que foram propostos nas turmas do 6º e 9º ano da Escola Estadual em estudo, ambiente onde as regências são aplicadas pelas residentes.

Partindo desse pressuposto, como auxílio de práticas docentes, a universidade é uma aliada a escola em questão onde um grupo de discentes participam de atividades pedagógicas e que exercem a regência supervisionada por professores formados, e dessa forma a troca de experiências científica, cultural e artística, onde acontece de forma mútua e acrescentam ainda mais no aspecto ensino-aprendizagem dos alunos. Vale referir que a regência, pautada no planejamento de aula e em atividades propostas para as turmas mencionadas, ocorre no período vespertino, sendo realizadas até no máximo 5 horas/aulas, uma vez na semana, sendo sempre acompanhada pelas professoras-preceptoras.

As aulas são dinamizadas por diversas metodologias, incluindo aulas extraclases, que se baseiam em atividades expositivas ou na área externa da sala de aula influenciando direto no desenvolvimento e aprendizado dos alunos. É baseado no uso e exploração de processos metodológicos verbais e não verbais, da qual não se prende apenas ao conteúdo do livro e atividades monótonas.

O acompanhamento letivo deste semestre obteve início com um coletivo formado por 8 residentes na referida escola. A regência foi desenvolvida conforme a carga horária estabelecida e divisão das turmas com os demais residentes desta escola, obtendo trocas de experiências e dinamizações com os alunos.

Na primeira semana de aula foram observadas a forma, postura em que a professora regente iniciava ao transmitir o conteúdo, e quais materiais (além do livro) era utilizado para as aplicações das atividades. Neste viés, foi necessário atentar-se em como poderiam transformar as regências mais colaborativas e dinâmicas (atrativas) para poder realizar as atividades sem que os alunos se dispersassem por muito tempo.

Desta forma, as residentes inicialmente aplicaram uma atividade diagnóstica que tinha como objetivo identificar o que os alunos sabiam antes de começar as regências de mais um

ano letivo. Para garantir que nada fosse deixado de lado, foi necessário organizar-se com cronogramas e planejamentos de aula semanais para fins de ação pedagógica, e avaliado pela professora-preceptora que acompanha essas classes.

A avaliação diagnóstica ajuda a perceber as causas de dificuldades específicas dos estudantes na assimilação do conhecimento, tanto relacionados ao desenvolvimento pessoal deles quanto à identificação de quais conteúdos do currículo apresentam necessidades de aprendizagem. Neste sentido, as aulas de Geografia se tornaram mais práticas e complementares para as turmas do 6º e 9º ano, visto que a escola é localizada num bairro periférico e com diversas dificuldades, e que mesmo com suas dificuldades as residentes conseguiram levar novos procedimentos de avaliações.

A unidade didática desenvolvida contempla os conteúdos de Geografia analisando a forma de organização do espaço, os processos de globalização, regionalização, natureza e ação humana, formas do mercado de trabalho, linguagem gráfica e cartográfica, bem como outros eixos avaliados e aplicados nas turmas seguindo as habilidades da BNCC.

Os conteúdos foram desenvolvidos dentro de uma perspectiva problematizadora, tendo como elo a vivência dos alunos e valorizando seus conhecimentos de vida, assim como também expondo as opiniões em debates individuais e grupais. Dessa maneira, foram planejadas metodologias diversas dentre as quais: leitura de textos contextualizados, realização de experimentos, aulas com slides. Diversos materiais foram empregados: fichas impressas para realização da diagnose, materiais recicláveis, argila, isopor, papéis reutilizáveis, emborrachado, dentre outros. Durante esse processo de experiências e regências, também foi possível acompanhamento na organização e divisão dos TCF (Trabalho de Conclusão do Fundamental) da turma do 9º ano.

Por conseguinte, materiais também importantes e fundamentais para as aulas de Geografia, foram manuseados para exposições de mapas, objetos físicos, globo, fotografias, recursos naturais, entre outros objetos necessários e que estavam a desejar nas ações pedagógicas de classe. Ressaltando, contudo, que estes recursos servem como instrumento para as aplicações em aulas, na interpretação e construção do conhecimento. A simples presença do recurso de ensino em sala de aula não garantirá qualidade e, muito menos completo dinamismo à prática docente. Porém, a sua existência fornece aos residentes, subsídios para que, ao utilizar o recurso de ensino, oferecer possibilidades para que os sujeitos ampliem sua leitura de mundo e sua ação crítica com base nas informações que o recurso venha a oferecer.

Corroborando com todas as práticas citadas, fica evidente a importância da inserção da Residência Pedagógica como fator de auxílio para obtenção de reciprocidade das experiências que a escola oferece. De modo similar, Saviani (1991) considera que, a escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecendo bem o ambiente escolar e tendo a interação assumir as turmas, o residente passa a ter uma maior autonomia para lidar com as adversidades em sala de aula. Visto que, a partir dessas vivências o futuro professor passa a formar sua identidade ao lidar com os desafios encontrados nas turmas e ao desenvolver as diferentes atividades como projetos e dinâmicas.

Diversos são os desafios enfrentados na escola em questão, pois, a realidade em que o bairro da escola está inserido reflete diretamente no dia a dia escolar. Com isso, relataremos as experiências da regência vividas na escola.

No ano letivo 2019 os residentes também puderam dar base as suas regências nas escolas a partir da elaboração de subprojeto. De início foi possível realizar observações referentes as aulas iniciais de Geografia e planejamento para a regência, onde as residentes puderam avaliar os conteúdos do livro “Expedições Geográficas”, organizar-se com planejamentos e aplicar a primeira regência na turma do 9º ano. Vale ressaltar que de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências.

Primeiramente, o conteúdo abordado na turma de 9º ano foi relacionado a geopolítica e organizações internacionais, correlacionado aos contextos históricos e procedimentais da Europa. Logo após as explicações, foi desempenhado atividades complementares para inferir e auxiliar as dúvidas sobre o material exposto. Além disso, houve uma reunião de acompanhamento da família na escola considerada integradora e fundamental para debate sobre pontos essenciais, calendário do ano letivo e apresentações dos funcionários para os pais de alunos novatos, conhecerem melhor a funcionalidade e dinâmica da escola, além da participação dos residentes para apresentação o projeto aos responsáveis pelos estudantes.

Em segunda análise, retiveram regências na turma do 6º ano B (Figura 1) no turno vespertino, da qual foi abordado temáticas como leitura de paisagem, e orientação espacial

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

traduzindo na concepção de lateralidade e direcionalidade, tanto quanto sua estrutura complementar. Neste caso, as residentes buscaram dar ênfase na orientação espacial, visto que era um conteúdo onde havia grande dificuldade por partes dos alunos, e como meio de atrair a atenção dos alunos, buscou-se fazer uma aula participativa, onde após a explicação do conteúdo os alunos pudessem ir ao quadro e dar a sua contribuição na aula

Figura 1: Aula na turma do 6º ano “B”



Fonte: Autoras, 2019

Além disso, no mês de abril foi iniciado o assunto sobre a Organização das Nações Unidas e seus desafios na turma do 9º ano, objetivando reconhecer qual o papel dessa organização e sua influência nos países, levando os alunos a debaterem sobre a importância de entender a geopolítica mundial e o papel das organizações. Também como parte da Residência Pedagógica, um outro grupo de residentes e alunos da Universidade de Pernambuco – UPE, visitou a referida escola para aplicação de um projeto chamado Vivência Pedagógica (idealizado pela docente orientadora) que é uma outra atividade vinculada a um plano de ensino extra.

Neste projeto reuniu alunos da Educação especial e 9º ano, onde foi possível abordar de forma lúdica e prática as noções de Introdução a Ciência Geográfica, como mostra a figura 2.

Figura 2: Aplicação do Projeto de Vivência



Fonte: Autoras, 2019

Dando continuidade a regência, deu-se início ao estudo dos continentes, tendo como ponto de partida o continente Europeu e os seus aspectos populacionais, buscando assim em uma aula expositiva levar os alunos a debaterem e compreenderem as diferentes culturas e economias da Europa.

Para o 9º ano deu-se início as produções do TCF (Trabalho de Conclusão do Fundamental), que tem por objetivo estimular a iniciação científica a partir do ensino fundamental, contribuindo desta forma, na aprendizagem dos estudantes. Cabendo aos residentes se reunirem como esses estudantes e auxiliarem a realização pesquisa.

De acordo com estes aspectos fundamentais da regência, soma-se a visita feita a Universidade, para incentivar os alunos do município e manifestar interesse que ao concluir o Ensino Médio, eles ainda tenham motivações para continuar na vida acadêmica, vislumbrado na dimensão do prédio da UPE e aproximação da realidade destes sujeitos. Em visita a Universidade, os estudantes puderam entender a dinâmica da instituição, os projetos que nela são desenvolvidos, além de conhecer os laboratórios de cartografia, geologia, biomonitoramento e outras dependências da universidade, como é possível observar nas figuras 3, 4 e 5.

Figura 3: Visita ao laboratório de Geociências



Fonte: Autoras, 2019

Figura 4: Visita ao laboratório de Biomonitoramento



Fonte: Autoras, 2019

Figura 5: Visita ao laboratório de Cartografia



Fonte: Autoras, 2019

Em última análise no mês de junho, foi aplicado a atividade diagnóstica na turma do 9º ano, ilustrada nas figuras 6 e 7, onde através da aplicação desse questionário percebeu-se que os alunos sentem a falta do uso de outras metodologias em sala de aula, sendo elas o uso de mapas, jogos, aplicação de oficinas, entres outros. Além de perceber que há uma confusão dos termos geográficos por partes dos alunos, onde maioria não sabia seus significados. Os sujeitos também relataram que as aulas só são baseadas no livro didático. Este questionário serviu como base para que pudéssemos entender as necessidades da turma e assim fazer uso de novas metodologias nas seguintes regências.

Figura 6: Aplicação da atividade diagnóstica



Fonte: Autoras, 2019

Figura 7: Aplicação da atividade diagnóstica



Fonte: Autoras, 2019

Esse tipo de abordagem teve por objetivo obter observações para dar suporte à discussão, à análise, às indagações e às explicações. Os alunos acompanharam a realização de experimentos de simples execução podendo observar as fases e anotar os resultados. Esse tipo de experiência colaborou para a compreensão da diferença entre teoria e prática, e desmistificar a Geografia como matéria chata e "decoreba". Dentro dessa perspectiva evidenciou-se a discussão ampla dos conceitos, onde os alunos foram estimulados a pensar e discutir sobre os conteúdos envolvidos.

A turma do 9º ano (figura 8) possui pouco mais de 25 alunos, sendo maior parte deles fora de faixa etária. Um dos grandes desafios enfrentados durante a regência nessa turma é despertar o interesse desses alunos nas aulas de Geografia, buscar que eles participem mais ativamente, para que haja uma aprendizagem mais efetiva. Contudo, percebeu-se que com o uso de metodologias diferenciadas, principalmente com a aplicação de oficinas e aulas práticas, há uma maior participação por diante desses estudantes.

Figura 8: Turma do 9º Ano B



Fonte: Autoras (2019)

Ainda é importante ressaltar que os alunos têm grandes dificuldades de aprendizagem, com isso, além do uso do livro didático fez-se necessário materiais complementares que facilitem a aprendizagem.

Em suma, diante de todos os aspectos analisados, as problemáticas e necessidades de regência nestas duas turmas, consolidou-se a Etapa III (em andamento) com a primeira parte do projeto das residentes, em realizar um Aulão de Revisão (figuras 10 e 11), que teve como objetivo abordar temáticas como formas de relevo, vegetação, clima e hidrografia. Assuntos base, mas que ambas turmas estavam sem quase nenhum entendimento das conceituações básicas destes conteúdos, dificultando assim a aprendizagem dos demais assuntos. Neste aulão de revisão buscamos utilizar os recursos que os alunos afirmaram sentir falta nas aulas de geografia, como o mapa, globo terrestre e até aula com o uso de data show.

Figura 10: Aulão de revisão



Fonte: Autoras, 2019

Figura 11: Aulão de revisão



Fonte: Autoras, 2019

Findou-se assim, na sequência, os alunos participaram bastante fornecendo exemplos, principalmente relacionados com o senso comum. Com esse ambiente de participação e discussão foi possível enfatizar que o conhecimento empírico (ou senso comum) é o saber

popular, que se baseia nas experiências com fatos da vida diária, enquanto que o conhecimento científico é o saber academicamente construído. O conhecimento científico é aquele que vai além das experiências individuais para explicar os fatos, mas usa a observação e busca comprovar e conhecer as leis que os regem e para isto necessita de investigações e experimentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Oliveira (2010), o desenvolvimento da Geografia enquanto campo do conhecimento evidencia sua especificidade e importância para a análise da dinâmica natural e humana no território. Os avanços alcançados na abordagem geográfica, especialmente as novas metodologias e recursos tecnológicos aplicados à análise espacial, a participação no debate da questão ambiental, assim como o compromisso social do profissional de Geografia, sobretudo nos campos da educação e da pesquisa, têm muito a somar com a proposta de implantação, nas licenciaturas em Geografia, do Programa Residência Pedagógica.

Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua instituição formadora.

A Geografia torna possível conhecer, identificar, analisar, interpretar, explicar e comparar diferentes paisagens e espaços geográficos, além de trabalhar noções de espacialidade em diferentes escalas (local, regional, nacional, global). Por meio do ensino de Geografia, compreendemos que o espaço é um produto da ação da sociedade e que é, simultaneamente, condição e meio para o exercício da cidadania (Santos 2004).

Seguindo todos os pontos de vistas, aqui citados, pode-se verificar que a Geografia propriamente dita, estuda todas as relações existentes no meio natural influenciadas pelo “homem” e instituída na colaboração de uma sociedade livre.

Como exemplo dessas fundamentações, podemos dizer que o aluno ao fazer o percurso da sua casa a escola, e da escola para casa, ele está vivenciando a Geografia. Analisa desta forma o aspecto físico do ambiente em que ele percorre e quais elementos naturais observa, ou consegue enxergar numa determinada paisagem. Em suma, uma aula de campo, com relação aos projetos supostos, enfatizaria o que a Geografia tem a contribuir no dia a dia de cada ser humano, como ser racional e lógico.

Nesta perspectiva, trabalhar com as mais variadas ações metodológicas proporciona não apenas um aprendizado mais completo e em sintonia com a realidade dos estudantes, mas também serve como importante ferramenta para a discussão de questões relacionadas ao mundo e ao lugar onde vivemos, seja de ordem social, política, econômica ou ambiental.

A forma intencional de articular o cotidiano com os materiais trabalhados em sala de aula possibilitou aos alunos maior apropriação de conteúdos de Geografia, visto que, valorizou as suas vivências e oportunizou sua participação. As atividades experimentais desenvolvidas foram simples, consideradas dinâmicas, criativas e interativas, o que instigou os alunos a exposição de suas ideias e opiniões sobre os temas, dando possibilidade a busca de vários conhecimentos.

Por conseguinte, evidenciou-se que o conhecimento transmitido pelas residentes não é algo pronto e acabado. Sendo o conhecimento científico uma construção humana estando sujeita a acertos e erros. Foi observado que, quando um conteúdo é integrado de alguma forma ao seu contexto histórico e tendo esse conhecimento aplicações práticas, o ato de conhecer ativa a imaginação e o interesse, principalmente para os alunos de escolas periféricas. Isso contribui para a redução da fragmentação dos conteúdos trabalhados em sala.

Dentro dessa ótica emerge a necessidade de integração dos conhecimentos para que o aluno consiga estar apto a se posicionar frente à complexidade do mundo no qual vivemos. A Geografia, isolada como disciplina precisa ser produtiva na construção do conhecimento, uma vez que é a matéria que se engloba de forma interdisciplinar com as demais, trabalhando em função do ambiente e do mundo no todo.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. **PET – Geografia, Cultura e Cidadania. Diálogo de Saberes no Ensino de Geografia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** São Paulo: EDUSP, 2004.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez, 1991.

UNIFESP. **Plano pedagógico do curso de pedagogia.** São Paulo, 2006/2010. Disponível em: <<http://www.unifesp.br/campus/gua/home/index.php/cursos-de-graduacao/2011-06-02-12-58-10>>. Acesso em: 03 abril. 2019.